

Seu Lico

Rogério Gomes Pêgo¹

Minha memória não é tão clara para feições, nunca foi.
Lembro-me, no entanto, de um homem forte e provedor à qualquer custo.
Sempre trouxe o melhor da terra pela das forças de suas mãos,
e alimentava a todos, honrando seu trabalho suado.

Lembro-me, quando menino, sentado à sombra observar ao longe
o lavrador ao sol ardente, abrindo suas pequenas covas.
Milho, feijão, abóboras e quiabos, para o ano;
laranjeiras, pessegueiros e gravioleiras, para anos futuros.
Por último, uma araucária solitária e saudosa que de longe (mesmo ainda pequena) estampa você.

Como foi lindo viver tudo isso! Não sabia eu a sorte que tive.
Logo pela manhã sentíamos, ainda na cama, o cheirinho do café de dona Dita;
e, juntos, tentávamos reconhecer bichos, nuvens ou frutas nas imperfeições das madeiras do telhado
... aquilo era mágico pra mim!

A água do seu cantil sempre foi a mais fresca que bebi!
E enquanto no almoço espremia e comia, com uma colher torta, pimentas passarinho;
eu (de canto) copiava e comia minúsculos tomates . Eu só queria ser igual.

Hoje até o canto do uirapuru me faz lembrar você!
Eu ainda espero que abra a porta, trazendo em suas mãos qualquer coisa.
Em minha cabeça ainda ouço os inconfundíveis passos arrastados e cansados;
e o toc toc do sapatão único que insiste em ecoar ao limpar os pés à porta.

Ainda é estranho pensar sobre tudo isso!
Ahhhh, meu pequeno chapéu Panamá! Que falta tu me faz!

¹ Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ, Professor no ensino superior, ORCID <https://orcid.org/0000-0002-2122-6442>, E-mail: engagropêgo@yahoo.com.br